

O POETA ADOLESCENTE – GRACILIANO RAMOS

Marcos Falchero Falleiros¹

Em meio à precariedade bárbara do ensino sertanejo de seu tempo, o esforço para decifrar as letras em que se empenhou o menino Graciliano, “quase analfabeto” aos nove anos de idade, foi resultado do fascínio que a literatura despertou nele, através, por exemplo, de uma estória que o pai brutal utilizou para examinar e exercitar a alfabetização da criança. Era a estória de um casal e seus filhos que encontravam a cabana de um lenhador depois de andarem perdidos numa floresta, em noite de inverno, perseguidos por lobos. Como conta Graciliano em *Infância*, no capítulo “Os astrônomos”, seu pai, depois de três noites, com má-vontade, desgostoso, talvez mais com os negócios que com a obtusidade do filho, abandonou-o órfão da narrativa que, sozinho, não conseguiria decifrar. Desesperado para chegar ao final do enredo, submetido ao veredicto de sua mãe que o considerava “uma besta”, recorreu à doce prima Emília, que o estimulou a resolver o problema por conta própria, com a inteligente imagem dos astrônomos:

Emília combateu a minha convicção, falou-me dos astrônomos, indivíduos que liam no céu, percebiam tudo quanto há no céu.

Ora, se eles enxergavam coisas tão distantes, por que não conseguiria eu adivinhar a página aberta diante de meus olhos? Não distinguia as letras? Não sabia reuni-las e formar palavras? (RAMOS, 1984, p. 203)

E assim o menino Graciliano retomou os esforços da leitura a que antes se submetera ao lado do pai, quando:

uma luzinha quase imperceptível surgia longe, apagava-se, ressurgia, vacilante, nas trevas de meu espírito. (RAMOS, 1984, p. 201)

Praticamente autodidata, Graciliano em pouco tempo tornou-se hábil e sofisticado. Aos quatorze anos publicava sob pseudônimo dois sonetos em *O Malho*. Dedicou-se à poesia aproximadamente por oito anos, de 1907 a 1914, quando, durante sua estada no Rio de Janeiro, aos 22, encerrou sua carreira de poeta. O menino que era “quase analfabeto”, como relata em *Infância* (RAMOS, 1984, p. 199), revelou, desde a estreia, riqueza e propriedade de léxico, forte domínio tanto de articulação textual como de aproveitamento imagético e muita habilidade para a versificação.

Em sua primeira entrevista, aos dezessete anos de idade, ao *Jornal de Alagoas* de 18-09-1910, Graciliano escamoteou toda a sua produção poética, mas ainda assim confessava: “Tinha eu quatorze anos, creio que incompletos, quando publiquei, com pseudônimo de FELICIANO DE OLIVENÇA, dois sonetos em *O Malho*. Quase nada tenho feito” (apud SANT’ANA, 1992, p. 39). Na verdade, entre os quatorze e os dezessete anos, de 1907 até o ano da entrevista, 1910, ele já havia publicado muitos poemas em *O Malho* e no *Jornal de Alagoas*. Entretanto, desde então anunciava o poeta sem futuro e o prosador despachado: “Se tenho feito alguns trabalhos poéticos – por que não confessá-lo? – é porque não tenho talento para cultivar a escola que prefiro: a escola realista. E o verso ocupa menor espaço nos jornais” (apud SANT’ANA, 1992, p. 38). Vê-se que também nessa época de primícias ele sentia o que sempre repetiu até a maturidade: escrevia poemas para exercitar o ritmo da prosa.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN. E-mail: marcffal@gmail.com.

O Graciliano-poeta-quando-jovem tornou-se lendário, com a participação humorada e esquiva do autor já consagrado: "Pode revelar alguns desses pseudônimos?" – "Você é besta...", respondeu Graciliano ao ser abordado sobre o assunto em entrevista a Homero Senna (1968, p. 183-184). Osório Borba, no artigo de jornal "O pior poeta vivo do Brasil", do *Diário de Notícias* de 16 de outubro de 1938, ao comentar a cogitação de tal concurso, brincava, lamentando que os poemas desconhecidos de Graciliano Ramos, feitos em Alagoas, eram assinados por pseudônimos que ele não revelava a ninguém e os amigos que sabiam a respeito guardavam sob pacto o segredo a sete chaves.

Ricardo Ramos, em *Graciliano: retrato fragmentado*, ao lembrar a conversa testamentária que teve com o pai doente, quando este vetou também a divulgação de seus escritos em prosa com pseudônimos, justifica implicitamente mesmo a publicação de *Linhas tortas*, que organizou junto a familiares em 1962, acolhendo textos de periódicos, muitos deles sob pseudônimo: "Ainda que nos tivéssemos à obra assinada, pseudônimos se revelaram, crônicas se identificaram, poesias vieram à luz" (1992, p. 191). A respeito dos termos como rememora a fala do pai, relativamente ao que autorizaria publicar – "Já com pseudônimo não, não sobra uma linha, não deixe sair. E pelo amor de Deus, poesia nunca. Foi tudo uma desgraça" (1992, p. 176) – Ricardo Ramos observa que por ironia do destino surgiu justamente um estudo detalhado sobre as poesias (provável referência ao estudo de Fernando Alves Cristóvão, *Graciliano Ramos, poeta*) e, sem poder avaliar que utilidade terão para o entendimento da obra todas as primícias repostas a público pelo mercado de inéditos, conclui: "será difícil optar pelo respeito à vontade do escritor, compreensível àquela altura e hoje discutível" (1992, p. 191).

Entretanto, os poemas do jovem Graça, mesmo no contexto de um epigonismo parnasiano, sempre revelam uma qualidade especial em sua fatura, como podemos comprovar, por exemplo, em *Triolets*, publicado aos dezessete anos, sob o pseudônimo S. de Almeida Cunha, em *O Malho* n° 380, de 25-12-1909:

Triolets

Segue a viagem, minha amada,
Que é necessário que tu partas
Nada de dor, de pranto, nada...
Segue a viagem, minha amada.
Tens de prazer a alma cansada,
Temos de amor as almas fartas...
Segue a viagem, minha amada,
Que é necessário que tu partas.

Oculta a dor da despedida,
Ostenta o riso no semblante.
Por que soluças comovida?
Oculta a dor da despedida
Não se desvende na partida
Teu coração febricitante.
Oculta a dor da despedida,
Ostenta o riso no semblante.

Com tanto amor a carne cansa,
Com tanto amor a alma não pode.
Se de prazer tens esperança,
Com tanto amor a carne cansa.

Meu coração hoje descansa,
Teu coração que se acomode.
Com tanto amor a carne cansa,
Com tanto amor a alma não pode.

Por que mostrar tanta tristeza
Em teu semblante doentio?
Tua pupila em fogo acesa
Por que mostrar tanta tristeza?
Tu tens a vista ardente presa
Em meu olhar triste e vazio...
Por que mostrar tanta tristeza
Em teu semblante doentio?

Já tanto amamos, no entretanto
Para gozar inda palpitas...
Levas o olhar raso de pranto...
(Já tanto amamos, no entretanto!...)
E em tanto amor, em gozo tanto
Que de carícias inauditas!
Já tanto amamos, no entretanto
Para gozar inda palpitas.

Levas a ebúrnea palidez
Na bela fronte alva de neve.
(Quanta mudança num só mês!)
Levas a ebúrnea palidez
No rijo colo ardente, em vez
Do róseo tom mimoso e breve,
Levas a ebúrnea palidez
Na bela fronte alva de neve.

Teu níveo seio imaculado,
Ora palpita, ora estremece,
A recordar-se do passado.
Teu níveo seio imaculado,
Lírio no hastil desabrochado,
Ao rijo sol da dor fenece.
Teu níveo seio imaculado,
Ora palpita, ora estremece.

Quanta tristeza em tua boca,
A mesma boca que sorria
Ébria de amor, de gozo louca!
Quanta tristeza em tua boca
Que, contraída, agora evoca
Todo um passado de alegria!
Quanta tristeza em tua boca,
A mesma boca que sorria...

Vamos! Sufoca na garganta
Este soluço que te invade.
Este gemer, que não me espanta,

Vamos! Sufoca na garganta
De tanto amor, ventura tanta
Que mais guardar, senão saudade?
Vamos! Sufoca na garganta
Este soluço que te invade.

E, francamente eu te confesso,
Já chega o tempo da fadiga
Também nos cansa o amor em excesso...
(E, francamente eu te confesso)
Dentro do peito eu já começo
A me esquecer da quadra antiga
E, francamente eu te confesso,
Já chega o tempo da fadiga.

S. de Almeida Cunha – Viçosa (Alagoas)

Estudioso de versificação, como revela ainda em carta de 18-02-1914 (Carta 9) ao amigo Joaquim Pinto da Mota Filho (RAMOS, 1994, p. 25), citando, por exemplo, o *Tratado de versificação* (de 1910), de Olavo Bilac e Guimarães Passos, Graciliano, além dos sonetos, exercitava outras formas poéticas, entre elas o trioletto ou triolé (que era moda nas publicações não só de *O Malho*, nesse período): uma forma fixa usualmente de uma só estrofe, de oito versos, bastante repetitiva, em que o 1º, o 4º e o 7º são iguais, como, por sua vez, o 2º e o 8º, restando apenas três versos de conteúdo livre: o 3º, o 5º e o 6º. Assim, o poeta obteve com o processo reiterativo decuplicado um ótimo efeito, como observa Fernando Alves Cristóvão, em *Graciliano Ramos, poeta*:

Acertada foi a escolha do trioletto, dado que a repetição dos versos intensifica o dramatismo desta confissão obsessiva de amor. Já visível na estrutura de um só trioletto, mais evidente se tornou por se prolongar num grupo de dez, organizados em poema. (2005, p. 75).

O longo poema, formado de dez trioletos, repetitivamente obstinado, não deixa de ser precursor de um Manuel Bandeira afeiçoado aos estribilhos ingênuos das formas medievais ou de um Drummond, quando, numa paródia dos quiasmos bilaquianos do tipo “vinhas fatigada e triste e triste e fatigado eu vinha”, revoluciona o trioletto com a obsessão incontornável de “No meio do caminho”, que tanta festa causou a uma crítica tosca e divertida com a formulação reiterativa e alternada de “no meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho”.

A fraternidade de espírito entre a epigonia parnasiana de *Triolets* e a modernidade dos dois grandes poetas brasileiros fica mais evidenciada nas escolhas do poeta a quem Graciliano sempre devotou especial afeição, Manuel Bandeira, que em 1917 estreava em *Cinza das horas* coletando suas produções desde 1906, portanto, muito contemporâneas a ele. Por exemplo, com o poema “Chama e fumo”, de 1911, pleno de graciosidade nos seus estribilhos, na disposição admonitória do imperativo e no andamento rítmico:

Amor – chama, e, depois, fumaça...
Medita no que vais fazer:
O fumo vem, a chama passa...

[...]

Tanto ele queima! e, por desgraça,
Queimado o que melhor houver,
O fumo vem, a chama passa...

Paixão puríssima ou devassa,
Triste ou feliz, pena ou prazer,
Amor – chama, e, depois, fumaça...

[...]

A chama queima. O fumo embaça.
Tão triste que é! Mas... tem de ser...
Amor?... – chama, e, depois, fumaça...
O fumo vem, a chama passa...

(BANDEIRA, 1974, p. 12-13)

O alto senso crítico de Graciliano foi justamente rigoroso com sonegar suas primícias literárias. Por outro lado, se elas comprovam em seus resultados um elogio ao autodidatismo, que registros variados revelam ter o autor em parte estendido como receita adequada à educação dos primeiros filhos, percebe-se, entretanto, que sua aposta nessa solução vicária proveio de um contorno à péssima qualidade do ensino que desde criança ele testemunhara na própria pele e nas mãos castigadas pela palmatória. O ex-poeta, adulto, empenhou-se pioneira e revolucionariamente pela escola formal, quando ocupou cargos como Presidente da Junta Escolar de Palmeira dos Índios e, principalmente, como Diretor da Instrução Pública do estado de Alagoas. Após três anos de uma gestão histórica, foi demitido para ser preso a seguir, em março de 1936.

Referências

BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

BILAC, O.; PASSOS, G. **Tratado de versificação**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1956.

BORBA, O. O pior poeta vivo do Brasil. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 16 out. 1938. Disponível na Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 20 dez. 2015, edição n. 3899, telas n. 13 e 14.

CRISTÓVÃO, F. A. Graciliano Ramos, poeta. In: _____. **Cruzeiro do sul, a norte** – Estudos luso-brasileiros. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

O MALHO, Rio de Janeiro, nº 380, 25 dez. 1909. Disponível na Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 20 dez. 2015, edição nº 380, tela nº 33.

RAMOS, G. **Cartas**. Edição de James Amado. Rio de Janeiro: Record, 1994.

_____. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

RAMOS, R. **Graciliano**: retrato fragmentado. São Paulo: Siciliano, 1992.

SANT'ANA, M. M. **A face oculta de Graciliano Ramos.** Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1992.

SENNA, H. Revisão do Modernismo. In: _____. **República das letras** – 20 entrevistas com escritores. Rio de Janeiro: Olímpica, 1968.